



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DRA. JOSEFINA DEMES
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



GEANE VIEIRA DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA DA CIDADE DE FLORIANO – PI**

FLORIANO – PI
2024

GEANE VIEIRA DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA DA CIDADE DE FLORIANO-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do *Campus* Dra. Josefina Demes, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como requisito necessário para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Stanley Braz de Oliveira

FLORIANO – PI
2024



FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL DE TCC

Aluno: GEANE VIEIRA DE SOUSA

Título: **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA CIDADE DE FLORIANO – PI**

Presidente: Profº Drº Stanley Braz de Oliveira

Membro 1 da Banca Examinadora: Profº Drº Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Membro 2 da Banca Examinadora: Profª Drª Camila Freire Sampaio

Itens avaliados	Presidente	Membro 1	Membro 2
Trabalho escrito (0 a 7)	7	7	7
Apresentação oral (0 a 3)	2	2	2
Nota final (NF) (0 a 10)	9	9	9

No item **TRABALHO ESCRITO**, a banca examinadora deverá avaliar: organização sequencial, argumentação, profundidade do tema, relevância e contribuição acadêmica da pesquisa, correção gramatical, clareza, apresentação estética, adequação aos aspectos formais às normas da ABNT e ao Regulamento contido na Resolução CEPEX nº 014/2011.

No item **APRESENTAÇÃO ORAL**, a banca examinadora deverá avaliar: domínio do conteúdo, organização da apresentação, habilidades de comunicação e expressão, capacidade de argumentação, uso dos recursos audiovisuais, correção gramatical e apresentação estética do trabalho.

MÉDIA FINAL: A média final será calculada pela soma das três notas finais (NF1, NF2 e NF3) dividida por três.

$$\text{Nota final} = \frac{\text{NF1} + \text{NF2} + \text{NF3}}{3} = \frac{9+9+9}{3} = 27/3 = 9.0$$

(x) Autorizo a publicação do TCC.

Observações: _____

_____.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br STANLEY BRAZ DE OLIVEIRA
Data: 15/01/2025 16:18:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Presidente)

Documento assinado digitalmente
gov.br ALLAN DIEGO RODRIGUES FIGUEIREDO
Data: 16/01/2025 03:51:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Membro 01)

Documento assinado digitalmente
gov.br CAMILA FREIRE SAMPAIO
Data: 15/01/2025 19:13:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Membro 02)

Floriano (PI), 15 de Janeiro de 2025.

Dedico esse trabalho ao meu pai José Muniz, minha mãe Eurides e a minha irmã Gisele, que são a base da minha vida e tudo de mais importante que eu tenho, bem como aos meus amigos - que me incentivaram e me encorajaram a não desistir. Essa conquista também é de vocês!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por não ter me deixado desistir desse sonho, que não é só meu, mas também da minha família.

Agradeço também aos meus professores pelos ensinamentos.

Agradeço aos meus colegas de turma por todo companheirismo e pelos ótimos momentos que vivemos juntos.

Em especial quero agradecer às minhas amigas de curso e da vida, Ângela Cristina e Naylla Hellen - que, com certeza, deixaram essa jornada mais leve, por isso, sempre as levarei comigo.

Obrigada a todos que contribuíram de alguma forma para essa conquista.

“A educação é um processo contínuo, e o professor é seu principal artífice.”
(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho aborda o tema: a importância da formação continuada para os professores de Geografia da cidade de Floriano-PI. Teve como objetivo geral: explorar a importância da formação continuada de professores de Geografia da cidade de Floriano – PI, e como objetivos específicos: analisar o ensino de Geografia no contexto brasileiro; caracterizar a formação de professores no Brasil; e discutir os desafios da formação continuada dos professores de Geografia da cidade de Floriano – PI. A escolha deste tema surgiu da importância do aprimoramento e atualização do conhecimento inicial do professor de Geografia para que se tenha uma educação de qualidade e de relevância para os discentes. Diante disso, pretendeu-se discutir quais os desafios encontrados pelos professores de Geografia para investir na formação continuada. Este estudo foi realizado por meio da pesquisa explicativa, usando procedimentos técnicos bibliográficos e de campo. Para a coleta de dados foi realizado um questionário via formulário online do google, com 5 professores de Geografia, os quais atuam na rede pública de ensino da cidade de Floriano – PI. A análise e interpretação dos dados foi qualitativa, que favorece no aprofundamento da investigação. Através de estudos bibliográficos realizados com obras de autores como Freire (1996) e Novoa (1992) juntamente com os resultados obtidos nas respostas do questionário conclui-se que os professores têm consciência da importância da formação continuada e dos benefícios que ela traz para o processo de ensino-aprendizagem e para a carreira profissional, porém, também notou-se que existem desafios que dificultam essa formação, como falta de disponibilidade de tempo, falta de valorização profissional e baixa oferta de cursos de formação de qualidade.

Palavra-chave: Formação Continuada; Ensino de Geografia; Desafios.

ABSTRACT

This paper addresses the topic of the importance of continuing education for geography teachers in the city of Floriano-PI. The general objective was to explore the significance of continuing education for Geography teachers in Floriano-PI. The specific objectives included analyzing Geography teaching in the Brazilian context, characterizing teacher education in Brazil, and discussing the challenges faced in continuing education for Geography teachers in Floriano-PI. The choice of this theme come from the need to enhance and update the foundational knowledge of Geography teachers to ensure a quality and relevant education for students. Thus, this study aimed to explore the challenges Geography teachers face in pursuing continius formation. The research adopted an explanatory approach, using bibliographic and field research techniques. Data collection was conducted through an online questionnaire via Google Forms, answered by five Geography teachers working in the public education system of Floriano-PI. Data analysis and interpretation were qualitative, facilitating an in-depth investigation. Based on bibliographic studies from authors such as Freire (1996) and Novoa (1992), along with the results from the questionnaire responses, it was concluded that teachers are aware of the importance of continius formation and its benefits for the teaching-learning process and their professional careers. However, challenges such as lack of time, insufficient professional validation, and the limited availability of quality training programs were identified as barriers to continius formation

Keywords: Continius formation; Geography Teaching; Challenges.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

CNE – Conselho Nacional da Educação

MEC – Conselho Nacional da Educação

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- QUADRO COM AS RESPOSTAS DA PERGUNTA 1 DO QUESTIONÁRIO-
28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL.....	14
2.2 AFORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO BRASIL.....	18
3.0 A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA E SEUS DESAFIOS... ..	22
4.0 PERCUSO METODOLOGICO.....	27
5.0 APRESENTAÇÃO DOS RESULYADOS.....	29
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO.....	39

INTRODUÇÃO

Em qualquer área profissional é fundamental buscar o aperfeiçoamento constante para alcançar o melhor desempenho possível e oferecer um serviço de excelência. No campo dos docentes, isso não é diferente, especialmente em um mundo em que novos conhecimentos surgem diariamente, com uma ampla diversidade de conteúdo. Portanto, é essencial que os professores estejam em constante atualização para evitar que os conhecimentos já adquiridos se percam em meio a tantos outros novos a serem conquistados.

Refletir sobre a formação continuada de professores envolve políticas públicas por meio de programas associados às escolas em que os professores atuam, em coordenação com os Ministérios e Secretarias de Educação. Diversas políticas públicas foram estabelecidas com o objetivo de promover a formação inicial e continuada de professores nas redes públicas de ensino no país.

A formação continuada de professores de Geografia é um tema de extrema relevância no contexto educacional contemporâneo. A dinâmica social, cultural, política e ambiental exige que os educadores estejam constantemente atualizados e preparados para enfrentar os desafios presentes no ensino da Geografia. Nesse sentido, a formação continuada se apresenta como um processo fundamental para aprimorar as práticas pedagógicas, atualizar os conhecimentos e promover a reflexão crítica sobre o ensino de Geografia.

É de conhecimento que a profissão do professor é desvalorizada, ocasionando que estes profissionais fiquem sobrecarregados e desestimulados a continuarem aprimorando o conhecimento adquirido na formação, tornando as aulas monótonas, com métodos obsoletos e até mesmo com conhecimento desatualizado. Pois “É comum esses profissionais estarem relacionados aos que estão entre os mais desvalorizados entre outros com mesma qualificação acadêmica.” (Santos, 2015). Desse modo, a problemática a qual este estudo se propôs a discutir é: Quais os Desafios encontrados pelos professores de Geografia para investir na formação continuada?

Este trabalho tem como objetivo geral: explorar a importância da formação continuada de professores de Geografia da cidade de Floriano – PI, analisando seus impactos no desenvolvimento profissional e na qualidade do ensino. E como objetivo específico: analisar o ensino de Geografia no contexto brasileiro; caracterizar a formação de professores no Brasil; e discutir os desafios da formação continuada dos professores de Geografia do Ensino Médio da cidade de Floriano – PI.

Serão abordadas questões relacionadas aos desafios enfrentados pelos professores na busca por uma formação que atenda às demandas contemporâneas, bem como os benefícios e as transformações promovidas por essa prática. A escolha desse tema surgiu da importância do aprimoramento e atualização do conhecimento inicial do professor de geografia para que se tenha uma educação de qualidade e de relevância para os discentes.

O primeiro capítulo desta pesquisa destaca a evolução do ensino da Geografia no Brasil, desde sua origem ligada à catequese dos jesuítas até os dias atuais, mostrando as mudanças na forma como a disciplina é ensinada e como a formação de professores tem sido desenvolvida ao longo dos anos.

No segundo capítulo, falamos sobre os caminhos metodológicos percorridos para atingir os objetivos desta investigação, tendo como motivação para pesquisa o interesse em analisar as políticas de formação continuada, especificamente as voltadas para os professores de geografia do município de Floriano – PI. No terceiro capítulo, o texto aborda sobre os desafios da formação continuada dos professores, trazendo quais são as maiores dificuldades encontradas por eles.

Diante do exposto, pretende-se evidenciar quais são os desafios apontados por eles na formação continuada, e discorrer sobre a relevância da formação continuada para a construção de práticas pedagógicas inovadoras e contextualizadas, capazes de promover uma educação geográfica mais significativa e atraente para os alunos.

Assim, esta pesquisa justifica-se, pois tem como foco pessoal analisar a importância da formação continuada dos professores para um ensino de Geografia mais coeso e significativo, e como relevância social tem-se a contribuição para o debate e a reflexão sobre a importância da formação continuada de professores de Geografia e seu impacto no ensino e aprendizagem da disciplina. E para a geografia, traz novos olhares sobre a formação de professores e seus impactos no ensino desta ciência.

Para os autores como Freire (1996) e Callai (2005), a formação continuada dos professores é um processo permanente de aprimoramento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de garantir um ensino de melhor qualidade aos alunos, também tornando profissionais mais críticos e reflexivos.

2 O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL

A educação escolar no Brasil teve início com os padres jesuítas durante o período colonial, por volta de 1549. Essa educação era ministrada principalmente por padres, conforme Shigunov Neto e Maciel (2008) “A Companhia de Jesus foi uma ordem religiosa da Igreja Católica, fundada na Europa em 1540 por Inácio de Loyola. Era formada por padres designados de jesuítas, que tinham como missão catequizar e evangelizar as pessoas, pregando o nome de Jesus.” Dessa forma, tendo o ponta pé inicial da educação através das igrejas.

Dessa maneira, os padres jesuítas ensinavam tanto os índios quanto outros indivíduos que não sabiam ler e escrever, com o objetivo de catequizá-los. Eles também educavam os filhos de nobres que residiam no Brasil. Esse ensino jesuítico foi fundamental para o governo português no processo de colonização, ajudando a impor suas vontades na colônia. Isso porque buscava-se implantar a cultura europeia nos índios, convertendo-os ao cristianismo e eliminando os traços da cultura indígena no Brasil, conforme apontado por Shigunov Neto e Maciel (2008). Nesse contexto, a Geografia tinha seus conteúdos subordinados a outras disciplinas, como menciona Silva (2014):

Durante a vigência da atuação dos padres da Companhia de Jesus no ensino, os saberes geográficos atuaram em um papel secundário, como referência e como saber auxiliar ao estudo da retórica e ao aprendizado da leitura – ao que denominei ensino implícito. A existência de manuais didáticos está intrinsecamente relacionada à existência de disciplinas autônomas e à presença de um currículo formulado e ativo. Não estando a Geografia articulada nesses termos, nos períodos jesuítico e pombalino, os livros didáticos de Geografia inexisteram (Silva, 2014, p.03).

Desde então, observam-se vestígios do que Lacoste (1988) chamou de Geografia dos professores e Geografia dos estados maiores, evidenciando as diferenças entre as bibliografias utilizadas como embasamento e o conteúdo ensinado. Com a expulsão da Igreja Católica do controle da educação devido à reforma pombalina, a coroa portuguesa assumiu essa responsabilidade.

No entanto, por não ser uma disciplina independente, a Geografia não possuía livros e materiais didáticos próprios, continuando subordinada a textos de outras disciplinas do currículo escolar da época. A Geografia frequentemente era abordada junto com outras disciplinas ou com um nome diferente do atual. Destaca-se que os exercícios cartográficos e os conteúdos da Geografia física eram enfatizados juntamente com a memorização de nomenclaturas de aspectos físicos.

A Geografia escolar no Brasil efetivamente teve início quando se estabeleceu como disciplina independente, integrando a matriz curricular com base nos fundamentos teórico-metodológicos do século XX, época em que surgiu. No entanto, a Geografia não foi concebida para atender à demanda da ciência geográfica acadêmica, mas sim para atender às necessidades do ensino escolar e ao que os alunos precisavam aprender ao longo da vida escolar, de acordo com Guedes, Silva e Souza (2016):

Em que podemos observar que, assim como outras disciplinas, a Geografia se deu dessa forma, mais voltada a estabelecer e sistematizar conhecimentos que seriam importantes para que os alunos pudessem conhecer um mundo em que viviam. No entanto, esses conhecimentos no decorrer dos tempos, tem sido influenciado pelos momentos em que a escola passava no território em que estava estabelecida, ou até com as idealizações que alicerçavam e davam base a ciência construída naquele momento da história (Guedes; Silva; Souza, 2016, p.03).

A primeira escola a implantar o ensino de Geografia no Brasil foi o Colégio Pedro II, fundado em 1837 no Rio de Janeiro, se tornando disciplina obrigatória. O Colégio Pedro II foi uma das primeiras instituições de ensino secundário do país e desempenhou um papel fundamental na disseminação do ensino de Geografia no contexto educacional brasileiro.

Após esse marco, em 1900 a Geografia já estava consolidada nas escolas de quase todo o território brasileiro. Nesse período, o foco era no conhecimento dos aspectos naturais regionais, visando criar um sentimento de patriotismo nos estudantes. Em 1905, foi publicado o livro "Compêndio de Geografia Elementar" por Manuel Said Ali Ida, que abordava o Brasil de forma regionalizada, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre os aspectos regionais do país.

Em 1934, a Geografia chegou às universidades brasileiras, com sua implementação na Universidade de São Paulo, com um corpo docente influenciado pelas tendências tradicionais, principalmente da escola francesa. Em 1966, Yves Lacoste publicou "Geografia do Subdesenvolvimento", marcando o início das propostas da Geografia crítica no Brasil. Nos anos 70, durante a ditadura militar, Geografia e História foram unificadas em uma disciplina chamada de Estudos Sociais, numa tentativa de conter movimentos considerados ameaçadores pelo governo militar. No final da década de 70, em 1978, Milton Santos lançou "Por uma Geografia Nova", enfatizando a importância de estudos sobre relações sociais e seus problemas.

Doze anos depois, após uma pesquisa revelar baixo conhecimento em Geografia, iniciaram-se debates sobre as perspectivas da disciplina para o século XXI, especialmente no ensino. Em 1993, foi inaugurado o Núcleo de Pesquisa Sobre Espaço e Cultura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em 1998, ocorreu uma mudança significativa com o lançamento

oficial dos objetivos da Geografia no Brasil, destacando a importância de os educandos compreenderem as relações entre sociedade, dinâmica da natureza e paisagens.

A Geografia é uma ciência humana e social. Andrade (2008, p.14) argumenta que: “A geografia pode ser definida como a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza, ou melhor, a forma como a sociedade organiza o espaço terrestre, visando melhor explorar e dispor dos recursos da natureza [...]”

A Geografia escolar no Brasil começou a se desenvolver efetivamente quando se estabeleceu como uma disciplina independente, integrante do currículo escolar, fundamentada nos princípios teórico-metodológicos do século XX, época em que emergiu. No entanto, a Geografia escolar não surgiu para atender às demandas da ciência geográfica acadêmica, mas sim para atender às necessidades do ensino escolar e ao que os alunos precisavam aprender durante sua vida na escola. Segundo Guedes, Silva e Souza (2016),

Em que podemos observar que, assim como outras disciplinas, a Geografia se deu dessa forma, mais voltada a estabelecer e sistematizar conhecimentos que seriam importantes para que os alunos pudessem conhecer um mundo em que viviam. No entanto, esses conhecimentos no decorrer dos tempos, tem sido influenciado pelos momentos em que a escola passava no território em que estava estabelecida, ou até com as idealizações que alicerçavam e davam base a ciência construída naquele momento da história (Guedes; Silva; Souza, 2016, p.03).

Dessa forma, a Geografia até meados do século XX, possuía um caráter positivista e a sua versão escolar seguiu os mesmos passos, sendo a principal característica a descrição da natureza. Conforme Guedes, Silva e Souza (2016),

Primeiramente, a Geografia escolar era tratada de uma forma em que esta, estava apenas encarregada de trazer os conhecimentos do que eram produzidos em outras partes do planeta, fazendo com que os alunos brasileiros fossem “desligados” de sua vivência diária, onde residiam, se distanciando do cenário político e social de onde habitavam, predominava-se uma Geografia meramente descritiva, claro, em conjunto com o que alicerçou o início da sua construção científica, temos o exemplo do significado e a etimologia da sua palavra: Geo=Terra + Graphia = Descrição, ou seja, a descrição da Terra (Guedes, Silva; Souza, 2016, p.03).

Além disso, os temas de Geografia abordados eram desconectados da realidade dos estudantes brasileiros, frequentemente apresentando informações de outras partes do mundo que raramente eram relacionadas com os fenômenos naturais e as características observadas no Brasil. Isso resultava em uma abordagem geográfica que se limitava à descrição de eventos distantes da realidade dos alunos, sem estabelecer uma ligação necessária entre os conteúdos escolares e suas vidas cotidianas. Consequentemente, a disciplina adquiriu um caráter de mera

memorização, pois, ao não se identificarem com o que era apresentado, os alunos simplesmente decoravam os conteúdos.

Para compreendermos por que o método de ensino geográfico, que se baseia principalmente na descrição e tem pouca análise, ainda é utilizado no ensino básico, é importante considerar que esse método não é novo e esteve presente desde o início da formação dos primeiros professores e na criação dos primeiros cursos de licenciatura em Geografia. De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional (1998, p.19):

Essa Geografia era marcada pelo positivismo que sustentava metodologicamente quase todas as chamadas ciências humanas que se consolidaram nessa época nas faculdades brasileiras. Com fortes tendências de estudos regionais, os estudos geográficos pautavam-se pela busca de explicações objetivas e quantitativas da realidade, fundamentos da escola francesa de então [...]

Os cursos de História e Geografia eram integrados em uma única graduação, onde o curso de Geografia era parte do curso de História. No entanto, a Geografia frequentemente era considerada uma disciplina menos atrativa, e a maioria dos alunos, ao final do curso, podia escolher entre Geografia e História, com a maioria optando por História.

Outra questão a ser pontuada é que, até 1934, os livros de Geografia não eram escritos por geógrafos, mas sim por sociólogos ou historiadores. A única ênfase era na descrição dos lugares, sem outras preocupações. Isso significava que os livros de Geografia elaborados por professores de outras áreas era um dos problemas enfrentados no desenvolvimento da ciência geográfica. Até 1934, os alunos viam a Geografia como um curso baseado em memorização e descrição.

A Geografia é considerada uma ciência humana e social que busca compreender os fenômenos naturais e humanos no espaço geográfico. De acordo com Andrade (2006, p.14), "A geografia pode ser definida como a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza, ou seja, a forma como a sociedade organiza o espaço terrestre, buscando melhor explorar e utilizar os recursos [...]".

Atualmente, no Brasil, a Geografia é uma disciplina obrigatória nos currículos do Ensino Fundamental e Médio, conforme determinado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental e Médio fornecem orientações sobre os conteúdos a serem abordados, os objetivos e as metodologias de ensino.

O documento PCN (Brasil, 1997) destaca a importância de abordagens significativas e contextualizadas como base para um trabalho interdisciplinar, fundamentado nos espaços de

vivência direta e indireta dos estudantes, nos quais constroem e reconstróem conhecimentos por meio da mobilização de conceitos, competências e habilidades específicas de cada área ou disciplina escolar. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia (Brasil, 1997) fazem uma breve menção à contextualização do ensino, abordando-a de forma indireta ao tratarem do estudo do meio.

O objetivo do PCN de Geografia é orientar os professores quanto às práticas pedagógicas que possibilitam aos alunos vivenciar diferentes situações nos lugares, para que possam construir novas e mais complexas compreensões sobre eles mesmos. Dessa forma, os alunos desenvolverão a capacidade de identificar e refletir sobre diversos aspectos da realidade, compreendendo a relação entre sociedade e natureza. Para isso, tais práticas devem incluir a problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico.

2.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO BRASIL

A formação de professores no Brasil está associada à institucionalização da Geografia Brasileira na década de 1930, quando o governo brasileiro contratou diversos professores estrangeiros para iniciar a educação geográfica em nível superior no país. Os primeiros trabalhos foram influenciados pelas obras de Delgado de Carvalho, que tratavam de temas como geografia regional, geografia física e metodologia de ensino da geografia, com influência da escola clássica francesa.

Antes disso, o conhecimento geográfico não estava completamente consolidado, mas a partir desse período, a Geografia começou a se institucionalizar cientificamente no país, com grande influência da Geografia Francesa. As primeiras instituições a oferecerem esses cursos foram a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Rocha (2000, p.1):

Foi através do decreto n 19.851, de 11 de abril de 1931, que o Ministro Francisco Campos renovava o ensino superior brasileiro com a introdução do sistema universitário. Neste decreto, eram criadas as Faculdades de Educação, Ciências e Letras, espaço acadêmico que abrigariam, dentre outros cursos, o de Geografia. As duas primeiras instituições organizadas sob as novas regras, Universidade de São Paulo (1934) e Universidade do Distrito Federal absorvida em 1938 pela Universidade do Brasil (atual UFRJ), fundaram suas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, criando os primeiros cursos de formação de profissionais para atuar nesta área de conhecimento.

Ainda na década de 1930, foi criado o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que se tornou responsável pelo desenvolvimento do conhecimento sobre o território nacional. Foi a primeira instituição a admitir profissionais da geografia fora do ambiente escolar, contribuindo também para a formação de professores de geografia para as escolas. Esses primeiros professores, formados a partir de 1936, passaram a atuar no ensino secundário, trazendo consigo os conhecimentos da ciência geográfica e da pedagogia renovada, o que revolucionou o ensino onde atuavam.

Em 1956, com a realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia, marcou-se o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil, influenciado por docentes de outras nacionalidades, como os norte-americanos. Após esse congresso, as contribuições de Pierre George e Jean Tricart iniciaram os estudos em nível superior e as pesquisas geográficas.

A desvinculação entre os cursos de Geografia e História no campo acadêmico, refletida também no campo escolar, ocorreu quando o governo criou e implementou a disciplina de Estudos Sociais.

Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 4021/61, os cursos de formação de professores de Geografia tiveram que modificar seus currículos para atender às diretrizes da educação nacional. Os Estudos Sociais passaram a fazer parte dos cursos de licenciatura, e as universidades e cursos de formação de professores foram pressionados a reformular a licenciatura, resultando em mudanças como as licenciaturas curtas, que ofereciam uma formação rápida e precarizada de professores.

A formação de professores tornou-se ainda mais precária com a Resolução nº 1 do Conselho Federal de Educação de 1972, que reduziu a duração das licenciaturas curtas em Estudos Sociais em 1.200 horas, equivalente a três meses, resultando em uma formação acelerada. Isso contribuiu para o fechamento de algumas licenciaturas plenas em Geografia em diversos institutos de ensino superior, devido à baixa procura por tais cursos.

Na década de 1980, foi criada uma proposta que permitia aos interessados continuar os estudos por mais dois anos após a conclusão da licenciatura curta, obtendo assim o diploma de estudos adicionais. Nesse período, começou a haver pressão pelo fim das licenciaturas curtas, culminando na sua eliminação no país. No entanto, as consequências desses cursos acelerados ainda estão presentes em muitas escolas atualmente. Muitos professores de Geografia formados nessa época continuam atuando nas escolas públicas do país, sem terem se aposentado. Esses profissionais possuem uma abordagem diferenciada de ensino.

As políticas educacionais para a formação de professores passaram por uma ampla renovação no Brasil na década de 1990, especialmente com a divulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996.

Foi durante os anos 1990 que as ações políticas e as reformas educacionais foram intensificadas, em consonância com os organismos internacionais, cuja tradução foi expressa pela LDB, Lei nº 9.394/96. Essa lei, alinhada com as premissas neoliberais e consolidada em vários decretos que a precederam e redimensionaram o paradigma da educação no país, revelou seus projetos político-pedagógicos por meio dos currículos de formação.

A nova LDB/96, no artigo 13, estabelece as seguintes funções para os professores:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III – zelar pela aprendizagem dos alunos; IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (Brasil, 2014, p.15).

O professor de Geografia é o profissional formado nos cursos de licenciatura, preparado para atuar na educação básica. A docência é a base da formação de todo educador. Segundo Veiga (2008, p.13), "docência é o trabalho dos professores; na realidade, estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas", incluindo o planejamento das aulas, elaboração de projetos, diagnósticos avaliativos, entre outras atividades.

Em 1997, o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu, por meio da Resolução nº2, as regras de organização e funcionamento dos programas de formação docente para a educação básica. Em 1999, o mesmo CNE emitiu a Resolução CP nº 1, que dispunha sobre os Institutos Superiores de Educação como locais de formação continuada para os profissionais que já possuíam magistério.

Para atender às exigências da atuação profissional do professor de Geografia na atualidade, são necessárias modificações nos currículos e nas metodologias de formação inicial. É crucial uma formação que possibilite a construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos fundamentais e seu significado social. Além do domínio da matéria, é necessário que o professor assuma posições sobre as finalidades sociais da Geografia em uma proposta de trabalho específica. É essencial que o professor seja capaz de pensar criticamente sobre a realidade social.

Dessa forma, essa reflexão deve estar fundamentada em um suporte teórico crítico que relacione o objeto da Geografia, seus conceitos fundamentais, conteúdos de ensino e abordagens metodológicas com os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais do contexto histórico atual. Para isso, é necessário considerar tanto os períodos anteriores quanto os possíveis movimentos de transformação futuros, em uma análise que considere o processo histórico de forma contínua (Brasil, 2008, p.50).

Ademais, a formação do professor é um processo contínuo que deve ocorrer ao longo de toda a sua vida profissional, sendo conhecida como formação continuada. Esse processo pode acontecer por meio de cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento, tanto em práticas não escolares quanto nas práticas escolares.

Isso significa que, no exercício diário de suas funções na escola, o docente pode aprender e ampliar seus conhecimentos, o que pode redefinir os parâmetros que orientam sua prática. É essencial que os professores dominem conhecimentos teórico-metodológicos da Geografia escolar, assim como do ensino em geral, para atuarem com consciência e autonomia. O desafio fundamental para o profissional da educação é distinguir e compreender as teorias subjacentes em sua própria prática, criando condições para modificar seus pontos de vista, atitudes, posturas e atuação no campo educacional.

Além da abordagem crítica da Geografia, esta pode ser enriquecida por outras abordagens, como a percepção que o indivíduo tem de seu mundo. Nessa perspectiva, busca-se compreender o aluno como uma subjetividade, ou seja, compreender o lugar e o espaço vivido por ele. O ensino de Geografia exige uma postura diferenciada, especialmente no que se refere ao estabelecimento de relações entre os diversos atores sociais que compõem o ambiente escolar e o conhecimento em si.

Portanto, cabe ao professor entender as especificidades da Geografia, ao mesmo tempo em que desconstrói o caráter fragmentado que a envolve, intervindo no processo de ensino-aprendizagem e valorizando a compreensão do espaço geográfico como uma extensão tanto humana quanto física.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA E SEUS DESAFIOS

A formação inicial do professor ocorre na graduação e é fundamental para o exercício da docência. No entanto, ela por si só não é suficiente, pois novos conhecimentos são constantemente exigidos. Assim, torna-se necessário que o docente busque uma formação continuada.

O profissional da educação deve estar em constante processo de formação, buscando sempre se qualificar. Através da formação continuada, é possível aprimorar a prática docente e o conhecimento profissional, considerando-se a trajetória pessoal e individual. Essa trajetória, quando relacionada à carreira profissional, confere-lhe um sentido significativo. Nesse sentido, Nóvoa afirma que:

“A formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto de saber a experiência “(Novoa, 1992, p.25).

Em qualquer profissão, é fundamental buscar o aperfeiçoamento constante para alcançar o melhor desempenho possível e oferecer um serviço de excelência. Na área docente, isso não é diferente, pois novos conhecimentos e conteúdo surgem constantemente, exigindo que o professor esteja sempre atualizado para aprimorar o conhecimento que já possui. A formação continuada de professores deve ser vista como um processo permanente de aprimoramento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de garantir um ensino de melhor qualidade aos alunos.

Para que a formação continuada seja eficaz, é necessário que seja significativa para o professor. De acordo com Nascimento (2002), as propostas de capacitação dos docentes muitas vezes não são eficazes devido à falta de integração entre teoria e prática, ênfase excessiva em aspectos normativos e a falta de projetos coletivos ou institucionais, entre outros fatores.

Segundo Candau (1997, p.57), três elementos são cruciais para a formação continuada de professores: a escola como centro de formação, a valorização do conhecimento do professor e o ciclo de vida profissional. Isso implica que a formação continuada deve, em primeiro lugar,

atender às necessidades reais do cotidiano escolar; em seguida, reconhecer e valorizar o conhecimento dos professores, incluindo tanto o conhecimento curricular/disciplinar quanto o conhecimento da experiência; por fim, valorizar e resgatar o conhecimento construído na prática pedagógica (teoria e prática).

A formação continuada, como parte do desenvolvimento profissional ao longo da carreira docente, traz um novo significado para a prática pedagógica. Ela está diretamente ligada ao papel do professor, às mudanças em suas práticas pedagógicas e às possíveis transformações no ambiente escolar.

A teoria e a prática são elementos fundamentais na formação do professor, pois fornecem diferentes perspectivas para uma ação contextualizada e oferecem mecanismos de análise para que o professor compreenda os contextos históricos, culturais, sociais, organizacionais e a si próprio como profissional. Dessa forma, a construção da aprendizagem por meio das experiências vivenciadas diariamente no ensino de Geografia é essencial para compreendermos a realidade vivida e atribuir significado à Geografia, não apenas escolar, mas também para dar sentido ao mundo e poder intervir nele. Callai (2013), afirma que:

“A Educação Geográfica é a possibilidade de tornar significativo o ensino de um componente curricular sempre presente na Educação Básica. Nesse sentido, a importância de ensinar Geografia deve ser pela possibilidade do que a disciplina traz em seu conteúdo, que é discutir questões do mundo da vida. Para ir além de um simples ensinar, a Educação Geográfica considera importante conhecer o mundo e obter e organizar os conhecimentos para entender a lógica do que acontece (Callai, 2013, p.44).”

Portanto, a Geografia se torna importante quando os saberes locais dos alunos (que são empíricos) são articulados com os saberes globais, especialmente aqueles divulgados pela mídia. É crucial compreender que as organizações são responsáveis por selecionar informações que atendam a interesses locais, regionais e globais, já que quem controla o território tem poder sobre esses meios de comunicação.

Assim, práticas reflexivas, baseadas na tríade prática-teoria-prática, tornam o processo de ensino-aprendizagem um conjunto de ações de formação continuada. Essa abordagem possui uma identidade de pesquisa ao articular teoria e prática, sendo de suma importância no processo educativo. Através de uma ação educativa investigativa e interventiva, o professor pode formar novos saberes.

A formação continuada se define como um processo de atualização de conhecimentos, após a formação inicial, com objetivo de aperfeiçoar e melhorar a qualidade de ensino, criar abordagens pedagógicas que permitam os professores se adaptarem às necessidades que vão surgindo na profissão. Essa formação se dá por meio de cursos de curto período, palestras, workshops etc. O Ministério da Educação e Ciência (MEC) possui programas de formação continuada para professores da rede pública para que possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB para contribuir na melhoria da qualidade da educação básica no País, como o Programa de Qualificação (Plafor) e o Pró-Letramento.

Segundo Freire (1996) É necessário que o educador tenha a consciência de que é preciso mudar, trocar as ferramentas, e renovar experiências na produção de certas habilidades, permitindo ao mesmo autonomia colocando-se como verdadeiro sujeito no processo da (re) construção dos saberes. A Qualidade da prática docente é um reflexo da qualificação e preparação do professor, quanto mais atualizado de conhecimentos e de técnicas novas, melhor será o processo de ensino e aprendizagem.

A Sociedade está em constante atualização e transformação tanto pelo meio tecnológico como também no meio cultural, político e social, que exige que o educador esteja atualizado de conhecimentos e das tendências do meio educacional. Nóvoa (1992), comenta sobre a importância de pensarmos sobre a formação continuada como um processo de reflexão constante sobre a própria prática pedagógica do professor, levando-a para o pensamento crítico e reflexivo e deste modo avaliativo, que não se deixe em si avaliar o fato da formação, mas buscar uma maior vivência e entendimentos do educador como pontos fundamentais na construção dos novos saberes e ensino.

É importante lembrar a diferença entre a formação inicial e a formação continuada, pois uma se complementa da outra. A Formação inicial é indispensável para se adentrar no campo profissional, porém não é suficiente para a carreira, até porque em muitos casos existe uma defasagem de conteúdos na graduação, se tornando indispensável a formação continuada. Porém, esta se inicia com o professor já no exercício da função, o que dificulta a execução deste aprimoramento dos conhecimentos.

Freitas (1992) afirma que para ter uma educação de qualidade o professor deve continuar a sua formação, pois várias mudanças no cenário mundial acontecem de forma rápida e inesperada. E deste modo, novos papéis a escola desempenha para a sociedade e o professor passa a ter uma responsabilidade na orientação de atitudes e mudanças no pensamento dos alunos.

Para muitos professores a formação continuada é um desafio, possuindo vários entraves, pois requer disponibilidade de tempo, em alguns casos interromper o cronograma de atividades docente, atrasando a entrega do repasse de conteúdo, que provoca um desgaste e acúmulo de atividades para professores que já possuem rotina exaustiva de trabalho com excesso de turmas e entre outras obrigações. Também a falta de recursos nas escolas para qualificar esses educadores contribui para a carência na capacitação dos professores, que vem se tornando um problema crescente em todo o país. Acerca disso, Novoa (2014, p.24) postula que:

Mas nada será conseguido se não se alterarem as condições existentes nas escolas e as políticas públicas em relação aos professores. É inútil apelar à reflexão se não houver uma organização das escolas que facilite. É inútil reivindicar uma formação mútua, inter-pares, colaborativa, se a definição das carreiras docentes não for coerente com este propósito.

Diante disso, percebe-se que as escolas não possuem o preparo e suporte necessário para auxiliar os professores e incentivá-los a formação continuada, mesmo sendo considerado como obrigação das escolas fornecer as ferramentas necessárias.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), Lei nº 9.394/96, estabelece que é clara a necessidade da formação continuada, e destaca que a educação deve ser permanentemente continuada, e que o processo de ensino e aprendizagem está em constante evolução e que os professores devem acompanhar essa evolução para atender às necessidades dos alunos. Também a LDB reforça que a formação continuada dos professores deve ser fornecida pelas instituições, dando o apoio necessário e todo o suporte a esses professores.

Com a pandemia do COVID-19 em 2020, ficou explícita a necessidade de atualização das ferramentas de ensino e do processo de ensino-aprendizagem. Neste período, escolas e professores se viram obrigados a adaptarem a forma de ensino, se tornando indispensável o uso das tecnologias. Porém, os educadores possuem afinidades diferentes com a tecnologia, alguns têm mais experiências que outros. Professores mais antigos, acostumados com os métodos de ensino mais tradicional tiveram que se reinventar para criar metodologias de ensino.

Esse fato é um dos desafios que norteiam a formação continuada, a desigualdade de acesso às tecnologias e recursos digitais e online. Educadores com anos na profissão com a formação adquirida em tempos que as metodologias de ensino eram praticamente apenas o livro didático, possuem maiores dificuldades com ferramentas tecnológicas. Com isso, se faz necessário desenvolver, no professor, a importância de ser um pesquisador. Sousa, *et al.* (2017) pondera que é cada vez mais necessário que os professores aprendam a usar as inovações

tecnológicas, pois a sociedade se transforma constantemente, e a educação deve acompanhar essa dinâmica.

Através das tecnologias é possível construir aulas mais criativas e interessantes para os alunos, para assim alcançar uma aprendizagem eficaz, principalmente nas aulas de geografia em que o professor deve oferecer práticas pedagógicas que conduzam os estudantes à aprendizagem.

PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos as ferramentas metodológicas utilizadas para atingir o objetivo da monografia. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a importância da formação continuada para os professores de Geografia, expondo quais são os maiores desafios para a realização dessa formação e os impactos que causam na qualidade do ensino desses professores.

Como procedimento técnico, foi usada a pesquisa bibliográfica, o termo "bibliográfico" refere-se a tudo relacionado à bibliografia, que é o estudo ou a lista de livros, artigos, documentos e outras publicações. Para Manzo (1971), apud Lakatos e Marconi (2003), “a pesquisa bibliográfica permite oferecer meios para definir, resolver não somente problemas conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”.

Utilizamos também a pesquisa de campo, que é um método de pesquisa que obtém informações diretamente com o objeto de estudo, através de observações e coleta de dados. De acordo com Gil (2008), a pesquisa de campo procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorrem naquela realidade.

O método de abordagem foi o indutivo, que é uma estratégia de raciocínio que parte de observações específicas para extrair conclusões gerais. Em vez de começar com uma teoria ou princípio geral, você reúne dados empíricos e, a partir deles, formula hipóteses ou generalizações. Por isso escolheu-se o “método indutivo – que, partindo das teorias e leis, na maioria das vezes, prediz a ocorrência dos fenômenos particulares (conexão descendente)” (Marconi; Lakatos, 2013, p. 110).

Como método de procedimento utilizou-se o monográfico, que é um trabalho acadêmico que geralmente consiste em um estudo aprofundado sobre um tema específico. O objetivo principal de um estudo monográfico é explorar um assunto de forma detalhada, utilizando uma abordagem metodológica adequada e fundamentada em pesquisa. “O método de procedimento monográfico é um tipo de trabalho científico. Nele é abordado um problema central e a pesquisa se molda em volta desse problema, consoante Saveiro (2014, p.34).”

A coleta de dados deu-se através de dados secundários, a partir de fontes bibliográficas, que são indispensáveis em toda pesquisa científica para embasar os problemas e as afirmações feitas na pesquisa. De acordo com Amaral (2007, p.65) “A pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para

conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada”. E utilizamos dados primários através de questionário online com 10 perguntas. A amostra foi de 5 professores da rede estadual.

A análise dos dados se deu a partir da pesquisa qualitativa, segundo Gil (1999) este tipo de pesquisa propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como se tratou de uma pesquisa qualitativa, o estudo de caso foi realizado através de um questionário online produzido na plataforma de formulários do google contendo nove questões abertas relacionadas à formação continuada de professores. A amostra foi feita com 5 professores de Geografia da rede pública de ensino Florianópolis, sendo um atuante como professor (a) no ensino fundamental e os outros quatro no ensino médio. Neste questionário não foram feitas perguntas pessoais, a fim de preservar a identidade de cada participante.

Os resultados desta pesquisa serão discutidos através da exposição das respostas de cada professor com relação a cada uma das perguntas feitas. A seguir apresentaremos um quadro com a primeira pergunta do questionário com relação ao tempo de atuação na docência de cada um desses professores. Para manter o sigilo sobre a identidade de cada participante iremos nomeá-los como **Professor A, B, C, D e E**.

1- Quanto tempo de atuação?	
Professor (a) A	18 anos
Professor (a) B	24 anos
Professor (a) C	26 anos
Professor (a) D	18 anos
Professor (a) E	Mais de 30 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

De acordo com as respostas apresentadas no quadro acima percebe-se que todos os cinco professores atuam a mais de uma década na profissão, sendo assim professores experientes e possuindo muitas vivências em sala de aula.

Como já foi abordado nesta pesquisa, a formação inicial e a formação continuada se complementam. A formação inicial é necessária para se adentrar no mercado profissional, mas sabemos que na formação inicial o professor não recebe todos os saberes necessários para enfrentar todas as necessidades da sala de aula, pois possui várias realidades diferentes e o educador deve estar preparado para enfrentar cada uma delas para que se tenha uma aprendizagem significativa. Pois como destaca Delors (2003) a qualidade do ensino é determinada tanto ou mais pela a formação continua dos professores do que pela a formação inicial.

No questionário foi perguntado se esses professores possuem algum curso de aperfeiçoamento que contribua para sua formação continuada ou se caso não possuíssem

explicassem o motivo. Dos cinco professores participantes apenas o **Professor D** afirmou que não possuía, e explicou que houve falta de motivação, que participou apenas de algumas capacitações sobre o novo ensino médio. Já os demais professores afirmaram que possuem, o **Professor C** respondeu que possui especialização em educação ambiental e prática escolar, o **Professor B** respondeu que possui especialização em educação climática, e o **Professor E** respondeu que possuem vários cursos de aperfeiçoamento, ofertados pelo próprio município.

Com as respostas para essa pergunta percebe-se que os professores entendem a importância de aprimorar seus conhecimentos, como respondeu o **Professor A**: “É sabido que a profissão de professor é árdua e para se ter um melhoramento na qualidade de ensino há a necessidade de procurar aperfeiçoamento, haja visto, para o acompanhamento das mudanças sociais que poderão gerar transformações futuras”. Sendo assim, é fundamental buscar inovação e aprimoramento para melhorar as habilidades e conhecimentos dos professores como também a adaptação em um mundo em constante mudança.

Quando questionado sobre qual curso ou programa eles mais gostaram de participar e por qual motivo, obtivemos diferentes respostas. O **Professor A** mencionou sua pós-graduação em docência do ensino superior e afirmou que: “Lidar com o público na fase adulta (universitários) requer conhecimento tanto na área pedagógica como nos campos dos conhecimentos, portanto, trabalhar com esses público é ser emissor e nos torna alimentador de sonhos!”. Já o **Professor B** respondeu: “curso de educação biocêntrica. A proposta do curso perpassa e propõe uma quebra de paradigma educacional, estabelecendo uma educação voltada para o outro, baseada no diálogo e no afeto. Nesse sentido, a base epistemológica do curso se sustenta no tripé pedagógico, prático, ativo e reflexivo que ligam importantes nomes como Edgar Morin, Paulo Freire e Rolando Toro.”

Com base nessas respostas percebe-se que ambos os professores se importam com a aprendizagem que está sendo repassada aos alunos, de forma que contribua para que eles se tornem seres reflexivos e com objetivos. E que também haja uma boa relação entre o professor e o aluno, através do diálogo e afeto para lidar com as particularidades de cada um.

O **Professor D** respondeu que o curso que ele mais gostou foi o programa nacional do fortalecimento do ensino médio, pois fortalecia o trabalho do professor de acordo com a realidade da escola. E o **Professor E** mencionou que foi o programa aprendendo com músicas, “Porque insere o aluno numa aprendizagem mais eficaz e produtiva, além de ser dinâmico”. Com isso, destacamos o quanto a formação continuada é significativa na vida do professor e contribui para a didática se adaptando a realidade de cada sala de aula.

Dando continuidade, iremos discutir as respostas dos professores para as perguntas relacionadas à contribuição que a formação continuada traz para a docência em sala de aula. Foi perguntado qual era a opinião deles sobre quais os benefícios que a formação continuada traz para o ensino em sala de aula, e obtivemos respostas positivas e negativas com relação aos benefícios. **O Professor A** disse que não vê muitos benefícios por parte dos alunos, pois ele afirma que eles possuem pouco interesse e empatia e respeito em sala de aula. Já o **Professor E** disse que possui vários benefícios: “Pois todas as profissões, necessitam de aperfeiçoamento, principalmente de professores, pois vivemos em um ambiente onde os alunos buscam por algo que chame sua atenção.”

O Professor B respondeu que a formação continuada traz atualização de conhecimento, desenvolvimento de competências, integração de novas práticas, reflexão crítica e troca de experiências, motivação e satisfação profissional, aprimoramento da aprendizagem dos alunos etc. **O Professor C** disse que ajuda o educador a trabalhar mais de acordo com as necessidades do educando. E o **Professor D** respondeu: “Elas são importantes, desde que ofertem uma formação continuada de qualidade e que os órgãos passam a valorizar mais em forma de gratificação”.

Percebe-se que boa parte dos educadores notam que a formação continuada para os professores traz vários benefícios para a prática docente e reconhecem a importância de aprimorar os conhecimentos. Porém, também se percebe que há professores insatisfeitos com o retorno da formação continuada por parte dos alunos, que se mostram desinteressados e que assim acaba também desmotivando o professor.

Ao perguntar se utilizaram os conhecimentos adquiridos nos cursos de formação continuada em suas aulas, e se notaram alguma diferença na participação e atenção dos alunos obtivemos respostas negativas e positivas, o **Professor A** respondeu: “até o presente momento nada” Já o **Professor B** respondeu que houve diferença, que a participação dos alunos foi mais consciente e prática. **O Professor C** também respondeu que percebeu mais interesse. E o **Professor D** respondeu que: “Em parte ... boa parte dos alunos estão sem interesse no atual sistema de ensino... Atualmente as redes de ensino estão utilizando das promoções pra progredir os alunos.” O **Professor E** disse que: “Sim, as aulas se tornam mais participativas, onde todos se sentem à vontade para partilhar o que achou mais interessante.”

De acordo com as respostas dos professores percebe-se que a formação continuada traz benefícios para a sala de aula, pois se tornam mais interessantes gerando mais participação dos alunos que demonstram mais interesse pelo conteúdo, pois o professor com os conhecimentos

atualizados constrói aulas mais dinâmicas e interessantes. Porém, de acordo com as respostas percebe-se também que alguns alunos ainda se mostram sem interesse e desmotivados.

Apesar da formação continuada ser uma estratégia de melhorar a qualidade do ensino para que as aulas se tornem mais atrativas, percebe-se que alguns professores não estão obtendo esses resultados de forma significativa. Sabemos que o objetivo da formação continuada é trazer conhecimentos atualizados para os educadores e aperfeiçoamento das suas habilidades, para que suas aulas despertem mais interesses nos alunos, porém, se mesmo o professor tendo realizado a formação continuada e em suas aulas os alunos continuam sem interesse é sinal que esse aperfeiçoamento profissional que eles tiveram não foi suficiente e nem de qualidade.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, foi perguntado aos professores o que eles acham essencial em sala de aula para que se tenha um ensino que gere aprendizagem no aluno, e obtivemos as seguintes respostas: O **Professor A** respondeu que “Professores competentes, alunos comprometidos com o conhecimento e um trabalho de reflexão sobre algumas práticas aplicadas em sala de aula.” Para o **Professor B** o essencial em sala de aula é “Boa estrutura, matéria disponível, professores motivados e um apoio pedagógico potente, democrático e empático.” O **Professor C** disse que o essencial é a interação professor aluno e metodologias que despertem o pertencimento. Já o **Professor D** respondeu que “Uma base consolidada de conhecimento adquiridas nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. A participação e o acompanhamento da família contribuem bastante para resultados positivos.” E por fim, o **Professor E** respondeu que: “Primeiramente liderança de turma, depois uma excelente metodologia, o restante a gente consegue com uso de ferramentas”.

Em relação à formação acadêmica, foi questionado aos professores se eles acham que os conhecimentos adquiridos na graduação em Geografia foram suficientes para o início da sua docência e que justificassem a sua resposta. O **Professor A** respondeu que sim, e disse que: “A meu ver, a Geografia é completa para o aprendizado do educador e do educando”. Já o **Professor B** disse que não, pois segundo ele “A graduação te dá suporte conteudista, mostrando métodos e técnicas necessárias para o exercício da docência. A vivência em sala de aula é que te faz um professor. A escolha em ser um professor medíocre ou extraordinário é uma decisão individual, mesmo com todas as dificuldades e desafios existentes.”

Observando a discrepância entre essas duas respostas supracitadas percebe-se a divergência entre elas, pois para um, o ensino teórico da Geografia é suficiente para o preparo profissional, já na opinião do segundo professor a graduação só fornece a parte teórica da docência, mas a vivência e as experiências em sala de aula é o que prepara o educador. Sabe-se que a vivência em sala de aula é individual, pois cada turma tem suas particularidades e desafios

e ao se deparar com o problema na prática é o que torna o professor preparado para superar cada obstáculo.

Dando continuidade nas respostas, o **Professor C** respondeu que “Básico. Necessidade de formação continuada.” O **Professor D** disse que “ Em partes... boa parte já tinha adquirido no ensino médio... Na universidade você tem um leque maior de oferta de conhecimento onde passamos a entender e colocar em prática a interdisciplinaridade. E o **Professor E** respondeu que: “Não. Essa habilidade de sala de aula, veio quando fiz o magistério, antigo Segundo Grau. O professor não sai pronto da graduação, pois precisa de muita experiência.”

Fazendo uma análise de todas as respostas podemos perceber que a maioria dos professores acham insuficiente o ensino da graduação para se tornar um professor completo e preparado, ficando explícito a necessidade de uma formação continuada para melhorar e ampliar seus conhecimentos, de forma que se adapte aos diferentes níveis de ensino para trazer uma aprendizagem significativa e de qualidade.

A formação continuada traz benefícios para o educador, pois contribui para o desenvolvimento profissional, trazendo inovação para a sala de aula, com métodos que visam aulas mais dinâmicas e atrativas, e dessa forma, alcançando ao objetivo que é fazer com que os alunos participem e aprendam o conteúdo administrado. Levando em consideração a sua importância, foi perguntado qual a opinião deles sobre a formação continuada para os professores e obtivemos as seguintes respostas. O **Professor A** respondeu que: “Poderá, a longo prazo, trazer algo a acrescentar dependendo da forma como foi conduzido! Acredito na possibilidade de encontrar caminhos melhores e mais adequados para os problemas vivenciado na educação!”.

E o **Professor B** disse que a formação continuada para os professores “é essencial e necessárias, pois traz melhoramento de toda a comunidade escolar, visto que gabarita o professor e o torna mais eficiente, resolutivo e proativo diante dos desafios que, porventura, irão surgir. Ela é, para os professores, fundamental no desenvolvimento profissional e a melhoria da qualidade da educação.” Já para o **Professor C** a formação continuada traz “segurança do trabalho, autoconfiança e crescimento profissional”. E o **Professor D** disse que: A aquisição de novos conhecimentos e práticas são sempre bem-vindas na formação de professores. E para finalizar, o **Professor E** respondeu que “O professor necessita cada vez mais dessa formação, pois através dela ele vai melhorando aos poucos sua metodologia e buscando os melhores resultados.”

De acordo com as respostas percebemos que a maioria dos professores são a favor da formação continuada e afirmam que ela é essencial para o crescimento profissional e os deixam

mais preparados para enfrentar os desafios da sala de aula. É de fundamental importância que o professor busque sempre melhorar a qualidade do seu ensino, e se adapte à realidade de cada sala de aula, para que garanta um ótimo resultado na aprendizagem. Porém, um dos professores afirmou que pode trazer benefícios ao longo prazo, mas acredita que possa haver outras maneiras de melhorar e resolver os problemas na educação.

Então, conclui-se que os docentes reconhecem a importância da formação continuada, entretanto, notam que precisa ocorrer uma iniciativa da gestão escolar de trazer formas de formação continuada mais significativas, que visem melhores resultados e não se torne apenas uma acumulação de cursos no currículo.

É notória a importância dos benefícios que a formação continuada traz para o crescimento profissional do educador, porém, é necessário ressaltar que existem desafios e dificuldades em torno desse aperfeiçoamento. Levando em consideração essa questão, foi perguntado aos professores quais as maiores dificuldades encontradas por eles na busca do aperfeiçoamento profissional, e obtivemos as seguintes respostas. O **Professor A** respondeu que é a falta de incentivo por parte dos órgãos competentes. O **Professor B** respondeu “Falta de incentivo do governo do Estado, salário defasado e salas de aulas sem estruturas adequadas.” O **Professor C** disse que as maiores dificuldades são o “Tempo para dedicação e a falta de oferta por parte das Secretarias de Educação”. O **Professor D** mencionou que é a Falta de estímulo e falta de valorização. E o **Professor E** respondeu: “Então, não vejo como dificuldade, mas é a questão do tempo, pois nós professores que temos que dar conta de algumas escolas, às vezes não sobra tempo para participar dos eventos voltados para a melhoria da prática docente”.

Fazendo uma discussão acerca das respostas acima, é importante ressaltar que a maioria dos professores relatam que as maiores dificuldades encontradas são a falta de estímulo e incentivo por parte das secretarias de educação e do governo do estado, a falta de oferta de cursos de formação que sejam de qualidade, desvalorização dos professores, falta de tempo para participar dos cursos de formação, pois sempre estão sobrecarregados de tarefas por trabalharem em mais de uma escola.

Dessa forma, fica explícita a necessidade de os gestores seguirem as regras da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, na qual está claro que a formação continuada deve ser garantida a todos os profissionais de educação pelas secretarias de educação, seja ela municipal ou estadual, assim como diz na lei Federal nº 12.796, de 14 de abril de 2013.

Assim, é fundamental que haja uma colaboração entre o estado, escolas e os professores para que facilite o acesso a esses cursos de formação, pois se assim não for feito, como afirma Novoa (2014, p.24): “nada será conseguido se não se alterarem as condições existentes nas

escolas e as políticas públicas em relação aos professores. É inútil apelar à reflexão, se não houver uma organização das escolas que facilite.” Isso só afirma a necessidade de as secretarias de educação fornecerem e incentivarem a busca pelo o aperfeiçoamento profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da escrita, leitura e pesquisa de campo, foi possível observar as percepções dos autores e dos participantes do questionário dessa pesquisa acerca do tema da importância da formação continuada para os professores da cidade de Floriano Piauí, fazendo uma discussão sobre sua relevância, a fim de discutir os objetivos principais.

Segundo os autores supracitados, a formação continuada é essencial na vida dos professores, pois é um ensino contínuo, o qual permite que o educador aprimore suas habilidades e conhecimentos, deixando-os mais preparados e capacitados para superar os desafios impostos à profissão docente, e assim tornando profissionais mais reflexivos e críticos com seus métodos de ensinar. Desta forma, é fundamental fornecer práticas pedagógicas que contribuam para a formação de discentes mais críticos e perceptivos na sociedade, e mais preocupados com seu futuro.

Com relação às respostas dos participantes da pesquisa, percebem-se que todos entendem e reconhecem a importância da formação continuada, dos benefícios que ela traz tanto para o professor quanto para o aluno. Ao aplicarem na prática os conhecimentos adquiridos nesses cursos, os docentes observaram melhorias na qualidade do ensino, uma vez que os alunos se mostraram mais participativos, porém ainda há aqueles que demonstram desinteresse nas aulas, o que mostra que essa formação precisa ser reavaliada para que se tenha melhores resultados.

Sobre a formação inicial, notou-se que não é suficiente para garantir um ensino de qualidade, reforçando ainda mais a necessidade de buscar uma formação continuada. Porém, também se notou que existem desafios em torno dessa formação, como a falta de incentivo por parte das secretarias de educação e do governo do Estado. E pelo fato de a classe de professores ser desvalorizada, acaba gerando falta de motivação nesses educadores. Outro problema apresentado por eles é falta de tempo para participar e se dedicar a esses cursos, pois estão sempre sobrecarregados com a rotina de aulas.

Conclui-se que a formação continuada é de suma importância, não só para os professores de Geografia, mas para a educação em geral, pois traz melhorias ao ensino e transforma a

disciplina de geografia em uma matéria mais atrativa e valorizada. Vivemos em um mundo de constantes mudanças, no qual se faz necessário que os educadores estejam sempre atualizados de novas ferramentas de ensino para uma melhor aprendizagem para os alunos, e consequentemente seu desenvolvimento profissional. Mas também se notou que apesar dos educadores terem ciência da importância do aperfeiçoamento profissional e de seus benefícios, existem obstáculos que dificultam que participem desses cursos de formação, como a falta de tempo, falta de incentivo e motivação. Dessa forma, é preciso haver mais incentivo por parte das secretarias de Educação e dos gestores escolares, disponibilizando cursos de qualidade e maior organização da carga horária de aulas, para que possam ter mais tempo para participar dessas capacitações, promovendo, de fato, a melhoria da qualidade de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. **Heranças e Práticas Docentes do Ensino Colonial em Geografia: um estudo de caso**. 2021.94p.Dissertação- UNEMAT, Caceres-MT, 2021.
- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http:// https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm](http://https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm). Acesso em 09 de out. 2024.
- CANDAU, V.M. **Formação continuada de professores: tendências atuais**. In: _____. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários a Prática Educativas. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOUVEIA, P. S.; UGEDA JUNIOR, J.C. O Ensino de Geografia no Brasil e os métodos tradicional e histórico-cultural. **Formação (online)**, v. 28, n 53, p.855-883, 2021.
- GUEDES, M. S.; SILVA, S. C.; SOUZA, M. C. A Geografia escolar: um olhar sobre a prática e o ensino na sala de aula. In: III CONEDU - Congresso Nacional de Educação, 2016, Natla - RN. **Anais III CONEDU**. Campina Grande -PB: Editora Realize, 2016. v. V.1.
- LACOSTE, Yves
. **A geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 17. Ed. Papirus editora. São Paulo 1988.
- NÓVOA, A. (1992). **Os professores e a sua formação**. (2a. ed.) Lisboa: Instituto Inovação Educacional.
- NÓVOA, António. **O regresso dos professores**. Campo Grande: OMEP/BR/MS, 2014.
- SANTOS, Neimara ; FERNANDES, Maria José. **A trajetória do ensino de Geografia no Brasil**. In: Congresso Nacional da Diversidade do Semiárido, I. 2018, Natal. Conadis [...] Editora Realize, 2018. p.1-12.

SANTOS, W. A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. *Supere Aude*, Belo Horizonte, v.6, n.11, p.349-358, 2015.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez editora, 2013.

SHIGUNOV, A. N.; MACIEL, L. S. B. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões**. Curitiba: Editora UFPR. 2008.

SILVA, Jeane. Apontamentos para uma história da geografia escolar brasileira a partir de sua bibliografia didática (1810-1930). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. VII.,2014, Vitoria. **Anais**. Rio Grande do Norte: CBG, 2014 p. 1-12.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986

ANEXO 1- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Questionário sobre: A formação continuada dos professores de geografia

Esta pesquisa tem como objetivo colher dados para a construção do trabalho de conclusão de curso (TCC), do curso Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), levando em consideração o anonimato dos pesquisados, afim somente de analisar os dados obtidos visando contribuir com as discussões acerca do tema : A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA CIDADE DE FLORIANO-PI

OBJETIVO GERAL

Explorar a importância da formação continuada de professores de Geografia da cidade de Floriano-Pi

Pesquisadora: Geane Vieira de Sousa

Orientador: Prof. Dr Stanley Braz de Oliveira

Obrigada pela a sua colaboração.
geane.strsousa@gmail.com

*** Indica uma pergunta obrigatória**

- 1- A quanto tempo atua na profissão*?
- 2- Você possui algum curso de aperfeiçoamento que contribua para sua formação continuada? Se sim, quais? Caso não possua, qual o motivo?
- 3- Qual curso ou programa você mais gostou de participar e porquê?
- 4- Se utilizou os conhecimentos adquiridos nos cursos de formação continuada em suas aulas, você notou alguma diferença na participação e atenção dos alunos? Explique.
- 4- Quais as maiores dificuldades encontradas por você na busca do aperfeiçoamento profissional? *
- 5- Na sua opinião quais os benefícios da formação continuada para o ensino em sala de aula?

6- Você acha que os conhecimentos adquiridos na graduação de geografia foram suficientes para o início da sua docência? Por que? *

7- O que você acha essencial em sala de aula para que se tenha um ensino que gere aprendizagem no aluno?

9- qual sua opinião sobre a formação continuada para os professores? *